RGe ISSN: 2177-3246

HERMENÊUTICA CRÍTICA DE FREIRE E HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE DE THOMPSON COMO RECURSO METODOLÓGICO PARA PESQUISA EDUCACIONAL

FREIRE'S CRITICAL HERMENEUTICS AND THOMPSON'S DEPTH HERMENEUTICS AS A METHODOLOGICAL RESOURCE TO EDUCATIONAL RESEARCH

LA HERMENÉUTICA CRÍTICA DE FREIRE Y LA HERMENÉUTICA PROFUNDA DE THOMPSON COMO RECURSOS METODOLÓGICOS PARA LA INVESTIGACIÓN EDUCATIVA

10.56238/revgeov17n4-097

Silvia Lucia Lopes Benevides
Doutora em Educação
Instituição: Universidade do Estado da Bahia UNEB)
E-mail: sbenevides@uneb.br
Lattes: https://lattes.cnpq.br/6136003893055450
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2211-9670

RESUMO
O estudo apresenta a utilização da hermenêutica crítica de Paulo Freire (1985; 1996; 2005) associada à hermenêutica de profundidade em John B. Thompson (2002) como estratégia eficaz para pesquisas na área da educação. Sua aplicabilidade mostrou-se eficaz para compreensão dos sentidos dados pelos jovens populares à escola. Lançando mão do marco de uma hermenêutica intercrítica, fundamentado, em especial, em Atlan (1994) e Macedo (2007; 2009) evidenciou no espaço da escola, a tensão existente entre o arbitrário cultural que se tenta incutir nas formas de pensamentos e métodos de ensino e as múltiplas referências culturais que se revelam e se expressam nos atos do currículo. Do mesmo modo, referendado por John B. Thompson (2008), reafirma os impactos das tecnologias digitais e de informação na criação de novas formas de ação e interação no mundo. Os resultados subsidiaram a sistematização de um recurso metodológico para interpretar os movimentos ou trânsitos operados pelos jovens populares na escola, com vista em um olhar amplo sobre os seus diversos e específicos modos de vida e práticas quotidianas.

Palavras-chave: Hermenêutica. Intercrítica. Jovens Populares. Trânsitos Curriculares.

ABSTRACT
The study presents the use of Paulo Freire's critical hermeneutics (1985; 1996; 2005) associated to John B. Thompson's depth hermeneutics (2002) as an effective strategy to researches in the area of education. Its applicability demonstrated to be affective to the comprehension of the meaning given by working-class youth to school. Making use of the framework of an inter-critical hermeneutics rooted specially in Atlan (1994) and Macedo (2007; 2009) the study turned evident the tension, within the school environment, between the cultural arbitrariness attempted to be included in the ways of thinking and teaching methods and the multiple cultural references that are reveled and expressed in the acts of

ISSN: 2177-3246

the curriculum. Similarly, as corroborated by John B. Thompson (2008), it reaffirms the impacts of digital and information technologies on the creation of new forms of action and interaction in the world. The results gave support to the systematization of a methodological resource to interpret the movements or transitions experienced by working-class youth at school, with a view to a broad perspective on their diverse and specific lifestyles and daily practices.

Keywords: Hermeneutics. Inter-Criticism. Working-Class Youth. Curricular Transitions.

RESUMEN

Este estudio presenta el uso de la hermenéutica crítica de Paulo Freire (1985; 1996; 2005), combinada con la hermenéutica profunda de John B. Thompson (2002), como una estrategia eficaz para la investigación en el campo de la educación. Su aplicabilidad demostró ser efectiva para comprender los significados que la juventud obrera atribuye a la escuela. Utilizando el marco de una hermenéutica intercrítica, basada especialmente en Atlan (1994) y Macedo (2007; 2009), se destacó, dentro del contexto escolar, la tensión existente entre la arbitrariedad cultural que se intenta inculcar en las formas de pensamiento y los métodos de enseñanza, y las múltiples referencias culturales que se revelan y expresan en los actos curriculares. Asimismo, con el apoyo de John B. Thompson (2008), se reafirman los impactos de las tecnologías digitales y de la información en la creación de nuevas formas de acción e interacción en el mundo. Los resultados respaldaron la sistematización de un recurso metodológico para interpretar los movimientos o transiciones que experimentan los jóvenes de clase trabajadora en la escuela, con miras a una perspectiva amplia sobre sus diversos y específicos estilos de vida y prácticas cotidianas.

Palabras clave: Hermenéutica. Intercrítica. Jóvenes de Clase Trabajadora. Transiciones Curriculares.

ISSN: 2177-3246

1 INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva apresentar uma proposta metodológica de pesquisa tendo como referências a hermenêutica de profundidade de Thompson e os pressupostos da hermenêutica crítica de Freire, a partir do viés de pesquisa-ação educacional. Essa proposta emerge do aprofundamento da metodologia utilizado na tese de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal da Paraíba, UFPB.

A referida tese interrogou os construtos teóricos e práticos que justificam os sentidos presentes na Pedagogia e na didática, relacionados à ideia de ensino enquanto ação de conduzir, transportar ou guiar que repercutem nas referências e na ordem gnosiológica adotadas pela escola. Conforme Bourdieu (2013) as referências ou programas de pensamento e cultura são previamente estabelecidos pela escola e metodicamente organizados de forma a inculcar nos indivíduos "sistemas de esquemas inconscientes (ou profundamente internalizados), os quais constituem sua cultura, ou melhor, seu *habitus*" (Bourdieu, 2013, p.215). Dessa maneira, o autor denuncia o duplo arbitrário da ação pedagógica, afirmando que: "toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural" (Bourdieu, 2013, p. 26).

Ressaltando a dinâmica aprendente propiciada pela/na educação contrapomos às referências e itinerários culturais definidos no processo de escolarização, de acordo com a crítica bourdieusiana, os trânsitos operados pelos jovens populares na configuração/reconfiguração dos espaços/tempos escolares. A partir de um olhar minucioso sobre essa dinâmica, realizamos uma investigação dos trajetos ou trânsitos realizados no espaço da vida escolar pelos sujeitos do ato educativo, visando apreender e evidenciar os impactos das forças vitais e sociais na configuração/reconfiguração das instituições a seu serviço.

Defendemos que a relação ensinar-aprender não se processa através de comportamentos previsíveis, de causalidades estritas e lineares, ao contrário, se opera de maneira dinâmica e complexa. Para além da internalização e reprodução passiva dos sentidos instituídos ou de modelos universais, simbolizados e sancionados, no cotidiano da escola são forjados movimentos de ações/reações, aproximações/distanciamentos a esses modelos e a esses sentidos produzidos, emergindo novos caminhos, trajetos, modos criativos de fazer e produzir sentidos e simbologias.

Consideramos relevante a observação de Thompson (2008) para o uso e influência das mídias sociais na reconfiguração da sociabilidade produzindo "novas formas de ação e de interação no mundo social, novos tipos de relações sociais e novas maneiras de relacionamento dos indivíduos com os outros e consigo mesmo" (Thompson, 2008, p.13). O autor chama a nossa atenção para os novos cenários inaugurados pela era da informação que rompem com a oposição entre espaços virtuais e presenciais, criando espaços híbridos e novos modos de relacionamento que transcendem o contexto físico, o contexto face a face, possibilitando uma forma de interação que é estendida no espaço e no

tempo. Essa nova configuração traz implicações para a educação, exigindo uma abordagem crítica na utilização dessa ferramenta na produção de conhecimentos, com foco na colaboração e interação.

O termo 'jovens populares' foi por nós utilizado considerando o nosso público da pesquisa, estudantes de escolas públicas. Pretendemos destacar por um lado, os significados e formas distintas de vivenciar a juventude por diferentes estratos socioeconômicos, conforme observa a Unesco (2004) e por outro, a necessidade de resgate do termo popular. Torres Carrilo (2013) observa que esse termo foi expulso do discurso politicamente correto e suprimido no vocabulário de algumas agências de financiamentos não organizacionais. Para ele, essa atitude decorre dos preceitos da democracia liberal pautados no "consenso e inclusão dos marginalizados na nova ordem não como povo ou classe trabalhadora, mas como cidadãos" (Torres Carrilo, 2013, p. 26). O autor sugere que o termo, popular deve ser retomado e potencializado como categoria socioeconômica que designa o conjunto dos setores sociais que ocupam um lugar subordinado na estrutura econômica e social, bem como categoria política que "dá conta do conjunto de sujeitos e práticas que evidenciam, denunciam e buscam subverter as múltiplas opressões e exclusões da democracia operante [...]" (Torres Carrilo, 2013, p. 26).

Destacamos os múltiplos empregos semânticos da palavra trânsito que aqui, na perspectiva do currículo, utilizamos também para referir-se tanto à circulação (movimentação, deslocamento, migração, fluxo, frequência); quanto à passagem de um lugar a outro (mudança, transição, transferência); ou lugar por onde se prevê passar (trajeto, roteiro, itinerário, percurso, abertura); assim como boa aceitação (ascendência, crédito, importância, influência e acesso). Os trânsitos curriculares, nessa perspectiva, se operacionalizam em territórios complexos e dinâmicos onde se entrelaçam disposições bioafetivas e cognitivas.

Atentamos portanto, para a necessidade de um olhar que contemple a complexidade que envolve essa condição particular de vivenciar a juventude sem deixar de considerar seus movimentos de re-existência (Badiou apud Macedo, 2007a), compreendidos no contexto desse estudo, não como oposição ou reação dos jovens aos mecanismos de imposição aos modelos sociais preestabelecidos numa relação causa-efeito, mas como a luta desses por afirmação, significado, identidade e direito de serem e se perceberem como autores das suas existencialidades.

Para realização do que propomos, adotamos a pesquisa de campo, tendo como marco epistemológico a Hermenêutica Intercrítica, em Atlan (1994); Freire (1984; 1994; 2005) e Macedo (2007b; 2009) para os quais os atos de compreender e interpretar sentidos se dão em um universo complexo e dialógico que envolve o pesquisador e as inteligibilidades das realidades pesquisadas. Portanto, um campo tensionado por distintas racionalidades e visões de mundo. Conforme observa Atlan, diferentes formas de se ter razão.

A metodologia da pesquisa foi configurada a partir das perspectivas orientadas pelo estilo de Pesquisa- ação educacional em Freire (1984; 1994; 2005) e por Thompson (2002) através da Hermenêutica de Profundidade. Adotando uma postura intercrítica, estabelecemos possíveis pontos de aproximações e divergências entre os fundamentos epistemológicos e metodológicos de cada uma dessas abordagens.

2 A HERMENÊUTICA CRÍTICA EM FREIRE E HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE EM THOMPSON

A educação enquanto experiência formadora e ao mesmo tempo formanda não pode desconsiderar, nos trânsitos curriculares, os sentidos, experiências e conhecimentos que cada homem e mulher assumem na construção da sua própria existência. Por isso, elegemos a pesquisa de campo com o intuito de interpretar a ordem gnosiológica estabelecida pela organização didática e os atos de conhecer expressos nas manifestações culturais operados pelos jovens populares nos seus trânsitos curriculares.

Incomodados com os discursos que só conseguem visualizar, na prática educacional, objetividade e regularidade nos movimentamos para evidenciar as reconfigurações vitais e sociais que sofrem a instituição escolar pelos trânsitos e manifestações culturais dos jovens populares.

À medida que adentrávamos o campo e buscávamos compreender o mundo de significados dos jovens populares, através da interpretação das formas simbólicas que definiam as suas ações e linguagens utilizadas na sua vida cotidiana, emergiam aspectos variados de ordem biológica, culturais, ideológicos, econômicos, afetivos, políticos, sociais e educacionais. Do mesmo modo, os efeitos interpretativos, simbólicos e culturais decorrentes evidenciavam a pertinência do conceito de diálogo hermenêutico para a finalidade da nossa pesquisa. Nessa dinâmica, fez-se compreensivo o pensamento de Macedo (2009) ao afirmar que: na origem da proposição de uma hermenêutica intercrítica nas investigações antropossociais e demais ciências humanas aplicadas e afins,

> o rigor da interpretação passa a ser um processo de tensão, de negociação entre o conjunto de interpretações do pesquisador, as inteligibilidades das realidades pesquisadas em expressão e as intimidades dos atores sociais, ou seja, suas implicações sociais, afetivas, culturais, eróticas (Macedo, 2009, p.97).

A perspectiva atlaniana de uma dinâmica intercrítica entre saberes apresenta uma proposição radical de diálogo entre culturas, não como busca de semelhanças e sínteses unificadoras entre racionalidades distintas, mas reconhecimento das diferenças e oposições, da substância e daquilo que legitima cada uma dessas racionalidades (Atlan, 1994, p.12). O autor defende a existência de várias racionalidades, de maneiras diferentes, mas legítimas de se ter razão, que dão conta dos dados apreendidos pelos nossos sentidos.

Diante dessa emergência na centralidade da interpretação, proposta na Hermenêutica intercrítica, reiteramos que em Freire e Thompson encontramos os elementos epistemológicos e metodológicos para subsidiar as nossas interpretações.

2.1 A HERMENÊUTICA CRÍTICA DE FREIRE

As contribuições de Freire são destacadas por Kincheloe e McLaren (2006) como aspectos essenciais para uma hermenêutica crítica. Compreendendo "que os temas gerativos de uma cultura constituem aspectos centrais em uma análise social crítica, Freire presume que o processo interpretativo tanto é um ato ontológico (pertencente ao ser), quanto epistemológico (pertencente ao conhecimento)" (Kincheloe; Mclaren, 2006, p. 291, grifos dos autores). É ontológico, no nível da necessidade humana de ser mais, ou seja, assumir com maior plenitude a nossa condição humana. Enquanto ato epistemológico, a interpretação oferece um método para que possamos "investigar as condições da nossa existência e os temas gerativos que a influenciam" (Kincheloe; Mclaren, 2006).

A interpretação e compreensão da realidade se dão, segundo Freire, através da curiosidade e da capacidade crítica do homem e mulher tomarem distância, ou na terminologia por ele utilizada "ad-mirarem" o objeto de conhecimento. O distanciamento, capacidade de sair do próprio contexto para admirá-lo permite, pela reflexão, a apreensão e compreensão da realidade, portanto a consciência de que esta não é estática, nem imutável, que pode ser transformada. Ultrapassando a esfera espontânea de apreensão da realidade, atingimos uma esfera crítica "na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica" (Freire, 1980, p. 26). A pesquisa assume aqui lugar fundamental.

Para Freire a pesquisa é um ato de conhecimento, um ato educativo, que envolve de um lado pesquisadores profissionais, de outro, os grupos populares e, como objeto a ser desvelada, a realidade concreta (Freire, 1984). Essa prática desveladora não tem em Freire finalidade explicativa nos moldes positivistas, com pretensão de descobrir a causa que provoca um determinado efeito, por isso ele sinaliza para a necessidade de definir as relações de modo crítico onde homens e mulheres se auto-percebam enquanto sujeitos e como tal construtores da realidade. Nesse sentido, compreende que o método não deve ser um instrumento de propriedade única do pesquisador. Seguindo a compreensão, a explicação se dá a partir de uma relação dialógica com a própria realidade, em que os homens em comunhão, vão dizendo a sua palavra, vão inteligindo o seu mundo.

Para Freire seria esse o sentido da pesquisa, um ato de conhecimento que tem que ser co-intencionado. Os conceitos que o pesquisador emprega dependem dos que são utilizados pelos sujeitos para tornar o seu mundo inteligível.

> [...] quanto mais, em tal forma de conceber e praticar a pesquisa, os grupos populares vão aprofundando como sujeitos, o ato de conhecimento de si em suas relações com a sua realidade,

> tanto mais vão podendo superar ou vão superando o conhecimento anterior em seus aspectos mais ingênuos. Deste modo, fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares. Voltando à área para pôr em prática os resultados da pesquisa não estou somente educando ou sendo educado: estou pesquisando outra vez. No sentido aqui descrito pesquisar e educar se identifica em um permanente e dinâmico movimento (Freire, 1984, p.36).

A problematização questionadora, pautada na ação refletida, é que permitirá uma leitura crítica da realidade um pensar certo que conduz à superação do pensamento ingênuo, espontâneo e místico. Freire é contundente quanto à necessidade da compreensão do conhecimento do senso comum que orienta a existência dos grupos populares para, através do diálogo constante, do confronto de opiniões, contribuírem para apropriação das formas outras de conhecimentos sistematizados e científicos.

Sendo assim, ele não dicotomiza as duas dimensões, senso comum e saber científico, para ele o rigor científico vem de um esforço para superar uma compreensão ingênua do mundo, "a ciência sobrepõe o pensamento crítico àquilo que observamos na realidade, a partir do senso comum" (Freire, 1986, p.60).

A título figurativo, apresentamos, no quadro abaixo, os princípios metodológicos organizados por Freire no processo pesquisa-educação:

Tabela 1

Fase 1	Investigação temática - investigação do pensar do povo – Análise da situação existencial - conhecer a realidade vital concreta-esboçada pelos sujeitos locais com suas estratégias de sensibilidade e inteligência. Eleição do conjunto dos temas geradores.
Fase 2	Interpretação e criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar, participação da população investigada- mirada crítica na área em estudo: codificação-análise. Interfaces entre natureza e cultura.
Fase 3	Retorno à área para pôr em prática os resultados da pesquisa- inaugura os diálogos descodificadores nos círculos de investigação temática - análise/síntese-conhecimento do conhecimento anterior através da recodificação crítica e criativa.
Procedimentos utilizados	Aproximação dos investigadores aos indivíduos da área, diálogos informais, visitas, observação compreensiva, uso de diário de campo para anotações, círculo de cultura.

Fonte: Autores.

2.2 A HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE DE THOMPSON

É uma metodologia elaborada pelo sociólogo britânico John Brookshire Thompson para o estudo das formas simbólicas. Tem por inspiração as reflexões feitas por Jurgen Habermas e Paul Ricouer em torno de uma hermenêutica profunda. Thompson ressalta a aplicabilidade da hermenêutica como campo "não somente de reflexão filosófica acerca de ser e compreender, como uma reflexão também metodológica acerca da natureza e das tarefas da interpretação na investigação social" (THOMPSON, 2002, p. 404).

A Hermenêutica Profunda proposta por Ricouer parte do princípio de que na investigação social e em outros campos, os processos de investigação solicitam a mediação de métodos explicativos ou

objetivos (Thompson, 2002, p.404). Tal consideração evidencia a defesa de complementariedade entre interpretação e compreensão em uma teoria interpretativa compreensiva como passos que se apoiam em um marco hermenêutico único.

Contesta-se a dicotomia herdada de Dilthey para o qual as ciências humanas compreendem (*verstehen*) e as ciências naturais explicam (*erklären*). Conforme Ricouer (1990, p. 24) essa grande oposição "é repleta de consequências para a hermenêutica, que se vê cortada da explicação naturalista e relegada à intuição psicológica". O autor considera que se por um lado é impossível uma reflexão sem que haja meditação sobre os signos, por outro lado inexiste a explicação sem a compreensão do mundo e de si mesmo. A compreensão é uma tarefa interpretativa que muitas vezes acompanha a explicação, e as duas podem coexistir de forma dialética.

Embora coincida com os objetivos gerais do trabalho de Ricouer, Thompson critica a pouca atenção deste no que se refere "às condições sócio-históricas nas quais se produzem e recebem os textos e os análogos a estes" (Thompson, 2002, 405). Para referenciar a historicidade na experiência humana adota os aportes teóricos de Gadamer, para o qual a compreensão é uma fusão de horizontes históricos e a consciência a-histórica.

A Hermenêutica de Profundidade elaborada por Thompson tem a interpretação como princípio de análise. Parte da "observação da vida cotidiana para elucidar a maneira que as formas simbólicas são interpretadas e compreendidas pelos indivíduos que as produzem e a recebem, no curso das suas vidas diárias" (Thompson, 2002, p.406). Entretanto, não se fixa nesse nível de análise, que denomina de interpretação da doxa, considera outros aspectos que surgem das formas simbólicas.

O autor conceitua essas formas como fenômenos sociais, construções significativas que requerem interpretação: ações, expressões e textos que podem ser compreendidos enquanto construções significativas e encontram-se inseridas em relação de poder e conflito, necessitando serem consideradas no contexto da vida cotidiana e das maneiras que os indivíduos nele situado, interpretam e compreendem essas formas simbólicas.

Nessa direção, observa que recentemente, vários autores tomando por base a filosofia da linguagem de Wittgenstein, os escritos fenomenológicos de Husserl e Schutz e o enfoque etnometodológico de Garfinkel, Cicourel e outros, têm enfatizado a importância da interpretação da compreensão cotidiana ou interpretação da doxa, das opiniões, crenças e juízos que compartilham os indivíduos que formam o mundo social. Entretanto, verifica que "com demasiada frequência, as formas simbólicas são analisadas isoladamente dos contextos que as produzem e são recebidas pelos indivíduos que de maneira rotineira extraem sentidos delas e as integram a outros aspectos de sua vida" (Thompson, 2002, p. 406). O autor aponta dois tipos de atitudes que considera errôneas nessas pesquisas: quando se enfatiza a importância da interpretação da doxa, raramente vão além deste nível

de análise e o que deveria ser tratado como um aspecto indispensável da investigação se transforma na totalidade da investigação, em outros casos, a interpretação da doxa não é nem considerada.

Atenta para uma condição hermenêutica fundamental da investigação sócio-histórica, "o campo-objeto da nossa investigação é também um campo-sujeito em que as formas simbólicas são pré-interpretadas pelos sujeitos que constituem esse campo" (Thompson, 2002, p.407). Nessa direção a Hermenêutica de Profundidade compreende que "a interpretação se constrói sobre a análise, assim como sobre os resultados da análise sócio-histórica. Porém, a interpretação implica um novo movimento de pensamento: procede por síntese, pela construção criativa de um resultado possível" (Thompson, 2002, p.420).

Tendo como ponto primordial de partida a vida cotidiana - interpretação da doxa, a Hermenêutica de Profundidade recorre ao modelo etnográfico, utilizando instrumentos como, entrevistas, observação participante, dentre outros, para reconstruir "as maneiras com que se interpretam e se compreendem as formas simbólicas nos distintos contextos da vida social" (Thompson, 2002, p. 406). É descrita em três fases. Para cada fase, apresenta uma gama de possibilidades metodológicas de investigação podendo alguns métodos serem mais adequados do que outros, segundo o objeto específico de análise e as circunstâncias específicas da investigação, conforme o quadro abaixo:

Tabela 2

Fase 1	Análise histórico-social – reconstrução das condições sociais e históricas da produção, circulação e recepção das formas simbólicas, considerando que essas não existem no vácuo. • Aspectos básicos do contexto social: Situações espaço-temporais - podemos identificar e descrever o âmbito espaço-temporal específico onde se produzem e se recebem as formas simbólicas, reconstruindo os lugares onde os indivíduos se localizam. • Campos de interação - espaço de posições e um conjunto de trajetórias que unidos determinam algumas das relações que se dão entre os indivíduos e algumas oportunidades que têm a sua disposição. • Instituições sociais, se situam em campos de interação aos quais dão forma ao fixar uma gama de posições e trajetórias, mas ao mesmo tempo, criam campos de interação ao estabelecer novas posições e trajetória. • Estruturas sociais - assimetrias e diferenciais relativamente estáveis que caracterizam as instituições sociais e os campos de interação. Sua análise exige um nível mais teórico de reflexão, pois necessita que o analista proponha critérios, formule categorias e estabeleça diferenças que possam ajudar a organizar e esclarecer as evidências das assimetrias e diferenças sistemáticas da vida social (THOMPSON, 2002, p.410).
Fase 2	Análise formal ou discursiva - é um recurso possível e necessário para apreender a organização interna das formas simbólicas, seus traços distintivos, padrões e relações estruturais em relação ao contexto sócio-histórico em que se insere. Thompson indica a necessidade em desvelar os traços estruturais que se fazem presentes nas construções simbólicas atentando, entretanto, que essa análise não pode desconsiderar as condições sócio-históricas, com risco de se tornar um exercício abstrato. A partir de cinco variantes: análise semiótica, análise de conversação, análise sintática, análise narrativa ou análise argumentativa. Veronese e Guareschi (2006) incluem como mais uma alternativa, a análise de conteúdo.

Fase 3	Interpretação/re-interpretação - Processo de interpretação mediado pelos métodos de enfoque hermenêutico de profundidade: análise formal ou discursiva e análise sócio-histórica é simultaneamente um processo de re-interpretação.

Fonte: Autores.

Considerando-se que as formas simbólicas, objetos da interpretação, já foram interpretadas pelos sujeitos que constituem o mundo histórico, pode originar um conflito de interpretações, conforme Thompson (2002, p. 422) "como uma reinterpretação de um campo-objeto pré-interpretado, o processo de interpretação é necessariamente arriscado e está cheio de conflitos e aberto à discussão"

Ainda que os métodos de análise formal ou discursiva facilitem o processo de interpretação essa fase, segundo o autor, se distingue desses métodos. Enquanto esses se

processam por análise: examinam, separam, desconstroem, quebram realizando um cerco epistemológico para conhecer as formas simbólicas desde sua estrutura interna, a re-interpretação se processa através de síntese.

A Hermenêutica de Profundidade estuda a criação significativa de possíveis significados, considerando que os significados projetados podem diferir dos significados interpretados pelos sujeitos que constituem o campo sócio-histórico. Para Thompson (2002), essa possibilidade de conflito de interpretações, de divergência entre interpretação leiga e interpretação profunda, entre a pré-interpretação e a reinterpretação cria um espaço metodológico criativo de interpretação, permitindo a utilização de métodos particulares de análise, ao tempo, nos mantendo alertas para as "falácias concomitantes" (Thompson, 2002).

2.3 PONTOS DE DIVERGÊNCIAS ENTRE AS PROPOSTAS DE THOMPSON E FREIRE

Thompson parte da observação da vida cotidiana para elucidar "a maneira que as formas simbólicas são interpretadas e compreendidas pelos indivíduos que a produzem e a recebem, no curso das suas vidas diárias" (Thompson, 2002, p.406). Entretanto, promove uma ruptura metodológica com a hermenêutica da vida diária, defendendo que a interpretação da doxa seja ponto de partida para a análise das formas simbólicas e não o fim (Thompson, 2002, p. 407). Para ele a hermenêutica de profundidade possibilita identificar os traços estruturais e as condições sócio-históricas que permitem que essas formas simbólicas surjam.

Em Freire, a realidade também se constitui ponto de partida. A hermenêutica freiriana adota o entrelaçamento dos dois mundos: o mundo da episteme e o mundo da doxa; o mundo da filosofia e do saber popular. A tarefa para o pesquisador e o grupo popular não é somente desvelar e criticamente conhecer a realidade, como em Thompson, mas também recriar este conhecimento.

A pesquisa, em Freire, adquire um caráter participativo, rompe-se com a separação clássica entre sujeito-objeto nas atividades de produção científica e com a neutralidade e objetividade tão exaltadas pelos modelos positivistas de pesquisa. Ele radicaliza na sua defesa de implicação dos

sujeitos no ato de investigação "a presença dos oprimidos na sua libertação, mais que pseudoparticipação, é o que deve ser engajamento" (Freire, 2005, p. 64).

Conforme Faundez (1985) somente através da união entre estes dois mundos, episteme-doxa, poderemos encontrar elementos para a compreensão profunda da realidade e, consequentemente, para atingirmos um "saber em nível superior que é o verdadeiro saber que pode transformar-se em ação e em transformação da realidade" (Faundez, 1985, p. 33).

Freire defende que entre o pensamento do senso comum e do saber científico não há ruptura, mas superação compreendendo que se trata de processos que têm por essência a curiosidade e a apreensão e compreensão do mundo como meta. Demonstra o aspecto relacional e interativo entre textos, contextos e sujeitos em situação, considerando que,

> [...] a realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Ela é todos esses fatos e todos esses dados e mais a percepção que deles esteja tendo a população neles envolvida. Assim a realidade concreta se dá a mim na relação dialética entre objetividade e subjetividade (Freire, 2001, p.24).

A pesquisa, em ambos, não se restringe a observação da vida cotidiana, mas em Freire, assume uma radicalidade, uma finalidade política e educativa que extrapola a elucidação da maneira que as formas simbólicas são interpretadas e compreendidas pelos indivíduos como em Thompson.

Conforme observa Gajardo (1985), Freire cria um estilo alternativo de pesquisa-ação educacional na América Latina. Perspectivando a educação como prática da liberdade, o autor defende a pesquisa como elemento fundamental para conhecimento da realidade e dos problemas que afetam a emancipação humana. Sendo assim, os temas extrapolam as questões epistemológicas, pedagógicas ou das ciências sociais envolvendo questões políticas e ideológicas e pulsantes como os movimentos vitais (Mignolo, 2003, p.360).

A partir da defesa de uma perspectiva dialógica para a produção do conhecimento, Freire rompe com "a tradição segundo a qual a ciência e a pesquisa são monológicas: trata de pensar sobre e não pensar com" (Mignolo, 2003, p. 360). Para Freire, enquanto ação política, a pesquisa constitui-se como "ação cultural para liberdade", uma ação simpática, porque está comprometida com a emancipação dos grupos populares, os oprimidos (Freire, 2005). Enquanto ação educativa, um ato cointencionado, através do qual pesquisador e grupo popular, enquanto sujeitos no ato, vão inteligindo, ad-mirando o mundo, investigando as condições de existência e os temas gerativos que a influenciam (Freire, 2005).

A investigação constitui-se na comunicação, no sentir comum uma realidade que "não pode ser vista mecanicistamente compartimentada, simplistamente bem-'comportada', mas, na complexidade de seu permanente vir a ser (Freire, 2005, p.117, grifo do autor). Há uma troca de saberes entre conhecimento empírico do povo e saberes do investigador, conforme Freire uma síntese cultural que não nega as diferenças entre uma visão e outra, pelo contrário, se funda nela [...] (Freire, 2005, p.210).

Mignolo (2003, p. 360) destaca que o pensamento dialógico em Freire é “mais do que um conceito analítico: também significa ação e libertação”. A tarefa aqui para o pesquisador e o grupo popular, não é somente desvelar e criticamente conhecer a realidade, como vimos em Thompson, mas também recriar este conhecimento e transformar a realidade.

3 PROPOSTA METODOLÓGICA DE PESQUISA FUNDAMENTADA NA HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE DE THOMPSON E NA PESQUISA-AÇÃO EDUCACIONAL DE FREIRE

A proposta metodológica, aqui apresentada, parte da releitura dos passos da Hermenêutica de Profundidade proposto por Thompson, tomando por base os pressupostos de pesquisa-ação educacional apresentados por Freire. Em destaque, a adoção de uma postura interpretativa e compreensiva através da reflexão de como os sistemas simbólicos são produzidos e interpretados pelos jovens populares nos seus trânsitos curriculares na escola. Ao lado disso, a compreensão que fazem do mundo e de si mesmo, bem como dos cercamentos simbólicos operados pelos professores na sua função de mediadores dos saberes populares e saberes sistematizados que se expressam, se encontram e se tensionam no espaço escolar.

Ressaltamos a perspectiva freiriana no que se refere à importância do diálogo para levantar a expressão da realidade, fundamentada em uma abordagem relacional e interativa. A pesquisa de acordo com Freire é enquanto ato de conhecimento, um momento educativo, assumindo os pesquisadores, um lugar relevante na relação com os grupos populares, na pretensão de desvelar a realidade concreta.

Diante das abordagens adotadas propõe-se a seguinte organização metodológica:

Tabela 3

Fase 1	- Interpretação da doxa - Thompson/ Análise da situação existencial – Freire. Investigação do próprio pensar do povo; das maneiras como as formas simbólicas são compreendidas e interpretadas pelos sujeitos que as produzem e as apreendem no percurso das suas vidas cotidianas. Observação da visão de mundo, das opiniões, crenças e juízos além do entendimento das histórias particulares de vida, dos projetos individuais e coletivos, modos de relacionamento com outros e constituição do grupo de relacionamento mais próximo. Adoção do princípio da dialogicidade – Freire/ utilização do círculo de cultura.
Fase 2	Investigação da realidade concreta - Freire/ Análise sócio-histórica - Thompson: mirada crítica na área em estudo; reconstrução das condições sociais e históricas da produção, da circulação e da recepção das formas simbólicas; conhecimento dos contextos específicos e dos recursos disponíveis que as pessoas podem mobilizar para compreender as mensagens.
Fase 3 -	Análise formal ou discursiva - Thompson: estudo das construções simbólicas na sua estrutura articulada. Investigação temática - Freire/ Técnica de análise temática - Bardin/ Análise dos aspectos discursivos e extradiscursivos que constituem o espaço sócio-políticoeconômico, cultural e relacional onde o discurso circula. Ênfase no aspecto relacional e interativo entre textos, contextos e sujeitos em situação - Freire.

Fase 4	Interpretação/re-interpretação - Thompson/ Recodificação crítica Freire: momento de síntese mediado pela análise formal ou discursiva e análise sócio-histórica - Thompson/ Recodificação crítica e criativa/ Releitura da situação existencial- Freire.

Fonte: Autores.

Vale ressaltar que as fases analíticas elencadas não se dão de forma linear, fragmentada ou bem-comportada, são processos interativos na construção da realidade.

A separação aqui tem apenas uma finalidade didática. Em um movimento de vai e vem, cada uma das partes está presente no todo que, por seu lado, se encontra presente em cada uma das partes de maneira interativa e recorrente.

O conceito de união: doxa/episteme não deve ser entendido enquanto mera justaposição, junção ou adesão que se dá de maneira harmônica, ordenada e previsível. Portanto, é pertinente a utilização do conceito de intercrítica abordado por Atlan, considerando o reconhecimento das diferenças e oposições, da substância e daquilo que legitima cada uma dessas racionalidades (ATLAN, 1994, p.12).

3.1 DESCRIÇÃO DOS PASSOS ADOTADOS NA PESQUISA

Subsidiados por Freire e Thompson, estabelecemos como primeiro passo para a nossa pesquisa a realização de uma hermenêutica do cotidiano, interpretação da doxa, na terminologia freiriana, investigação do próprio pensar do povo. É o momento de investigação das maneiras como as formas simbólicas são compreendidas e interpretadas pelos sujeitos que as produzem e as apreendem no percurso das suas vidas cotidianas. Isso se torna possível, através de uma observação minuciosa da visão de mundo, das opiniões, crenças e juízos além do entendimento das histórias particulares de vida, dos projetos individuais e coletivos, modos de relacionamento com outros e constituição do grupo de relacionamento mais próximo.

Considerando o princípio da dialogicidade, enquanto aprofundamento do fenômeno da interpretação/compreensão, como recursos de aproximação com as pessoas envolvidas na pesquisa e busca dos dados vividos propomos o uso da observação participante e da entrevista em grupo. Através de rodas de conversas é possível promover um espaço de narrativas e escutas sobre histórias, vivências, sentimentos e sentidos.

A opção pela Roda de Conversa como estratégia para realização da entrevista grupal e aberta tem inspiração no círculo de cultura de Freire. A disposição dos entrevistados em círculo concêntrico tenta também reproduzir os formatos das rodas, tão comuns à juventude: rodinhas na linguagem dos jovens. Essa disposição foi constantemente observada nos momentos de descontração dos jovens, nos espaços da escola e mesmo no seu entorno. Possibilita uma maior interação e o estabelecimento de um clima dialógico entre os seus participantes, favorecendo a livre expressão pelos jovens alunos das suas opiniões, de forma que gestos, linguagens, sentimentos possam ser observados pelo pesquisador. A

disposição em círculo contribui para criar um clima de confiança entre os participantes e aproximar o pesquisador dos sujeitos da pesquisa.

A observação participante é outro recurso metodológico utilizado tendo em vista a importância da inserção do pesquisador no ambiente natural da ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada. Permitiu-nos acompanhar no contexto escolar, os sentidos e os movimentos operados pelos jovens, sendo fundamental para interpretação e compreensão da ação social no seu contexto. Enquanto tipo de investigação esse recurso se caracteriza por constantes aproximações entre o investigador e os sujeitos, fazendo-se necessária uma inserção por parte do observador na vida desses de modo a compartilhar as suas experiências.

Com os devidos cuidados e considerando a pesquisa como um momento educativo, procuramos promover instrumentos que contribuíssem para que os alunos e professores pudessem re-interpretar e ad-mirar os seus contextos e as suas ações. Como nos ensinou Freire, criar momentos que favorecessem as re-descobertas, pela retomada reflexiva dos seus trânsitos.

Adentramos o campo de pesquisa com um roteiro prévio de observação. Acreditávamos que esse procedimento evitaria a dispersão da nossa observação frente à dinamicidade do objeto em estudo. Estavam delimitados os seguintes itens para análise: canais de comunicação existentes e os respectivos códigos compartilhados pelos atores; possíveis variações no modo de organização da escola (elementos físicos e sociais), nos princípios didáticos e pedagógicos utilizados, nas referências de pensamento, no desenvolvimento de linguagens, nos critérios de avaliação, nos códigos de convivência e normas adotados que contribuíssem para confirmar, acolher e afirmar os distintos universos culturais; iniciativas de aproximação entre a cultura escolar e a cultura de origem dos alunos; organização do ensino/conhecimentos veiculados pela escola: organização do ensino a partir dos conhecimentos anteriores trazidos pelos alunos, respeitando e valorizando os modos de fala e as tradições de cada grupo social; mediação estabelecida pelo professor entre os métodos pedagógicos adotados e os métodos de aprendizagens utilizados pelos alunos/cercamentos simbólicos; relação que fazem os alunos entre os trabalhos feitos em classe e suas vidas fora da escola e utilização e significados dados pelos alunos aos espaços escolares, às proposições didáticas, aos saberes promovidos e às atividades propostas**.**

Ao ingressar nos trânsitos curriculares dos alunos e nos movimentos efetuados pelos seus professores para acompanhar e/ou compreender esses deslocamentos, outras rotas de observações foram se configurando, percebemos então que o nosso roteiro nos prendia ao instituído, ao normatizado e não dava conta de apreender os movimentos instituintes. Não eram as normatizações presentes nos documentos ou os planos que se sobressaíam, mas os comentários feitos nas conversas realizadas pelos professores, funcionários e diretores no transporte de ida e volta à escola, ou na sala dos professores ou mesmo os passeios pela comunidade, na escuta das conversas nos corredores da escola.

Do mesmo modo, os documentos escolares não revelam os anseios e as dinâmicas dos jovens da escola.

Essa efervescência só se fez possível através da observação das dinâmicas de sociabilidades adotadas pelos alunos que se revelavam nos agrupamentos formados na hora do recreio, ou nas imediações da escola, no diálogo, nos corredores durante os intervalos de aula, ou na saída da escola onde os grupos falam sobre a aula, sobre professores ou fazem mexericos sobre colegas, falam das paqueras, das conquistas dos finais de semana, das festas, mas também discutem, brigam, correm, gritam. Constatamos as afirmações feitas por Rockwell e Ezpeleta (2007, p.142) de que a "realidade escolar aparece sempre mediada pela atividade cotidiana, pela apropriação, elaboração, refuncionalização ou repulsa que os sujeitos individuais levam a cabo".

Essas observações foram anotadas no diário de campo e serviram como subsídios para definição das temáticas utilizadas nas rodas de conversas, constituem-se como fonte para a análise formal ou discursiva proposta por Thompson, juntamente com a investigação temática freiriana.

A análise formal ou discursiva, ao estudar as construções simbólicas na sua estrutura articulada, possibilita-nos entender como o sentido opera ou como uma mensagem é transmitida, seja pela imagem, pela fala ou pela escrita. Para essa etapa, tomamos como princípios a técnica de análise temática em Bardin (2011, p. 222) articulando a essa os princípios da investigação temática nos moldes freirianos.

Bardin considera a frequência dos temas extraídos dos discursos para ela "a análise temática consiste em descobrir os 'núcleos de sentido' que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido" (BARDIN, 2011, p. 135, grifo da autora).

A investigação do universo temático ou temas geradores, em Freire, pressupõe através do diálogo, o levantamento do universo vocabular, da expressão da realidade dos educandos fundamentada em uma abordagem relacional e interativa entre textos, contextos e sujeitos em situação.

Destaca Freire que "não é possível [...] elaborar roteiros de pesquisa do universo temático a partir de pontos prefixados pelos investigadores que se julgam a si mesmo os sujeitos exclusivos da investigação" (Freire, 2005, p. 116). Para o autor a investigação temática, "envolve a investigação do próprio pensar do povo" que "não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito do seu pensar" ((Freire, 2005, p. 117). Tais considerações e procedimentos ampliaram o alcance de interpretação que a técnica da análise temática nos possibilitava, estendendo a análise de significados para os seus aspectos discursivos e extradiscursivos.

Reiteramos a observação feita por Thompson (2002, p.409) que as formas simbólicas são contextuais, "não se produzem num vazio", mas em situações espaço-temporais; campos de interação; instituições sociais e estrutura social. Salientamos a observação feita por ele sobre o lugar da mídia, na

transformação da vida social reorganizando o tempo e o espaço e permitindo novas formas de poder e interação. Nessa direção é importante considerar a força e os impactos das mídias digitais nas juventudes.

Atentos para a necessidade de ir além da interpretação da doxa, considerando que as ações, objetos e expressões significativas de vários tipos ou formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas em contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados partimos para os passos seguintes da pesquisa.

Fez-se necessário observar os ambientes em que as formas simbólicas são produzidas e recebidas, para compreender a ação social em seu contexto considerando que as pessoas estão situadas em locais específicos, com posições e conjunto de trajetórias que determinam as relações estabelecidas, inclusive relações de dominação.

Realizamos para tanto, a descrição das situações espaço-temporais e reconstrução de ambientes ou campos de interação e suas regras, além das instituições sociais. A interpretação sócio-histórica da instituição, assim como do espaço-tempo que a escola ocupa nos possibilitou reconstruir as condições sociais e históricas da produção, da circulação e da recepção das formas simbólicas, favorecendo o conhecimento dos contextos específicos e dos recursos disponíveis que os jovens podem mobilizar para compreender as mensagens.

4 CONSIDERAÇÕES

A utilização da hermenêutica crítica de Freire em diálogo com a hermenêutica de profundidade de Thompson, em que se pesem algumas divergências inerentes às especificidades dos lugares geográficos, culturais, sociais e históricos aos quais pertencem os autores (um latino-americano e o outro europeu) que, consequentemente, influenciam a matriz de pensamento de cada um deles, mostrou-se frutífera para a investigação educacional. Um eficaz recurso metodológico para interpretar os movimentos ou trânsitos operados pelos jovens populares na escola, possibilitando um olhar amplo sobre os diversos e específicos modos de vida e práticas cotidianas dos jovens populares.

Além disso permitiu, no processo da pesquisa, criar momentos educativos onde os jovens puderam re-interpretar e ad-mirar os seus contextos e as suas ações. Momentos que favoreceram re-descobertas, pela retomada reflexiva dos seus trânsitos.

Na perspectiva proposta, forneceu subsídios importantes para promovermos uma reflexão sobre os trânsitos curriculares dos jovens populares, expressas nas seguintes problemáticas: a emergência de uma Pedagogia Compreensiva na condução do processo ensinar/aprender; a pesquisa como um ato de conhecimento que tem que ser co-intencionado: os impactos das tecnologias digitais e de informação na criação de novas formas de ação e interação no mundo, o que implica na necessidade da criação de ambientes de aprendizagem mediados e colaborativos que contribuam para a

ISSN: 2177-3246

transformação de informação em conhecimento e evitem a desinformação; o lugar da investigação, da pesquisa e do diálogo como referências no ato educativo e a positividade da episteme popular nos procedimentos de pesquisa e educação.

REFERÊNCIAS

ATLAN, H. Com razão ou sem ela: intercrítica da ciência e do mito. Trad. Fátima Gaspar e Fernando Gaspar, Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução Luís A. Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70 LTDA, 2011.

BORDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

FREIRE, P. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

_____. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, C.R. (org.). Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.34-41.

_____; FAUNDEZ, Antônio. Por uma pedagogia da pergunta. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. Pedagogia da Esperança: um encontro com a Pedagogia do Oprimido. Nota: Ana Maria Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. Á sombra desta mangueira. São Paulo: Olho d' Água, 1995.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Política e educação: questões da nossa época. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Pedagogia do Oprimido. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADAMER, H.G. Verdade e Método II. Tradução Ênio Paulo Giachini; revisão da tradução Márcia Sá Cavalcante-Schuback. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002.

GAJARDO, Marcela. Pesquisa participante: propostas e projetos. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1985.p.15-50.

KINCHELOE, J. L; MC LAREN. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens, 2ª ed. Tradução: Sandra Regina Nertz. Porto Alegre: ARTMED, 2006, p. 281-313.

MACEDO. R. S. Currículo: campo, conceito e pesquisa. Petrópolis, RJ: vozes, 2007a.

_____. Currículo, diversidade e equidade: luzes para uma educação intercrítica. Salvador: EDUFBA, 2007b.

_____. Outras luzes: um rigor intercrítico para uma etnopesquisa política. In: MACEDO. R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, Á. Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas; prefácio Remi Hess. Salvador: EDUFBA, 2009, p.75-126.

MIGNOLO, W. Histórias locais/ projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ROCKWELL, E.; EZPELETA, J. A escola: relato de um processo inacabado de construção. Currículo sem Fronteiras, v.7, n.2. p.131-147, Jul/Dez 2007. Disponível em: < http://www.curriculosemfronteiras.org>. Acesso: setembro/2016.

RICOEUR, P. Interpretação e ideologias. Organização, tradução e apresentação de Milton Japiassu. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

THOMPSON, J. B. A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia. Tradução Wagner de Oliveira Brandão. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. Ideologia y cultura moderna: teoria crítico social en la era de la comunicación de massa. México, D.F: Universidad Autônoma Metropolitana (UAM), 2002.

TORRES CARRILO, A. A educação popular como prática política e pedagógica emancipadora. In: STREECK, D. R.; ESTEBAN, M. T. (orgs.). Educação popular: lugar de construção social e coletiva. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013. p.15-32.

UNESCO. Políticas públicas de/para/com as juventudes. – Brasília: UNESCO, 2004. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001359/135923por.pdf>. Acesso: janeiro 2016.

VERONESE, M. V.; GUARESCHI, P. A. Hermenêutica de Profundidade na pesquisa social. Ciências Sociais, Unisinos. 42(2)mai/ago 2006, p.85-93. Disponível em: <revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/6019/31.9> Acesso: abril, 2016.